Data: 28.02.2018

Titulo: D'Os Mais-eternos...

Pub: JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 1;10;11

QuickCom comunicação integrada

D'Os Maias – eternos...

Pela primeira vez sai uma edição crítica do mais famoso, e para muitos o mais notável, romance de Eça de Queirós. Texto de Paula Morão e entrevista com Carlos Reis

PÁGINAS 10 E 11

Área: 1242cm²/ 49%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6029405

Data: 28.02.2018
Titulo: D'Os Mais-eternos...
Pub: JL
Tipo: Jornal Nacional Quinzenal
Secção: Nacional
Pág: 1;10;11

QuickCom comunicação integrada

A edição crítica d'*Os Maias*

Acaba de ser publicada pela Imprensa Nacional, na coleção das edições críticas da Obra de Eça de Queiroz, o seu 17º volume, neste caso o em geral mais 'aclamado' romance do grande escritor: *Os Maias - Episódios da vida Romântica*. Sobre o romance e sobre esta edição escreve a profª catedrática da Fac. de Letras da Universidade de Lisboa e ensaísta de primeiro plano que a apresentou, seguindo-se uma breve entrevista com Carlos Reis, que dirige a coleção e é também responsável, com Maria do Rosário Cunha, por esta mesma edição

Área: 1242cm²/ 49%
Cores: 4 Cores
FOTO
ID: 6029405

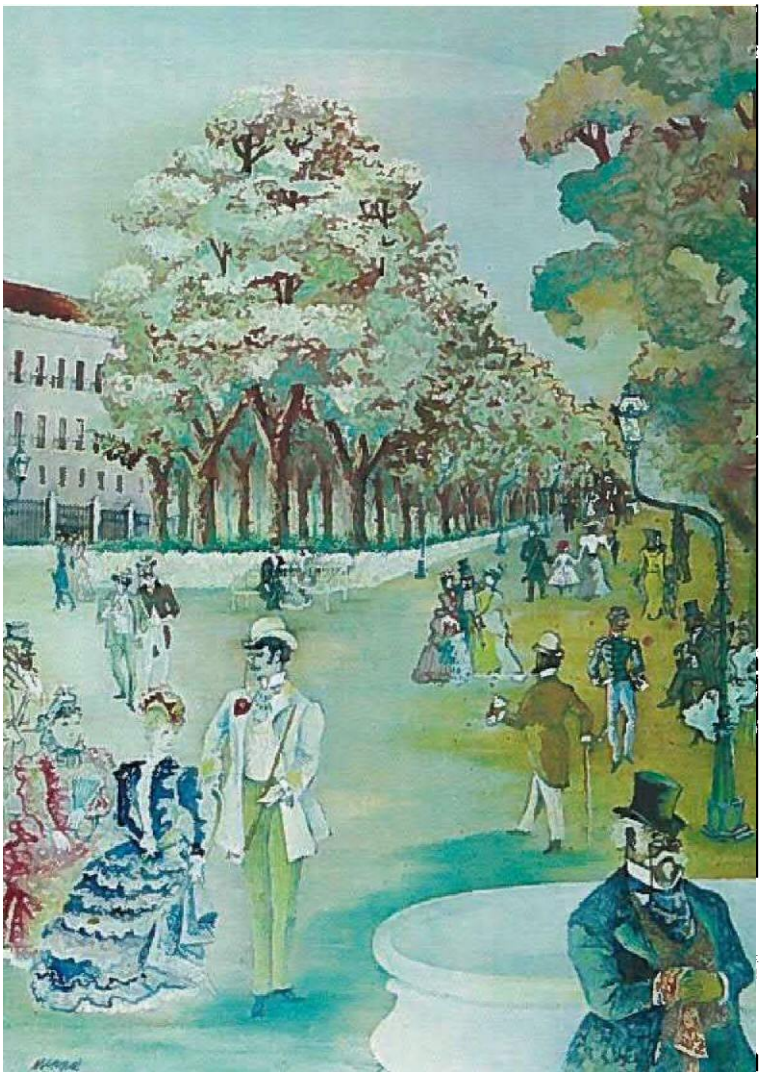
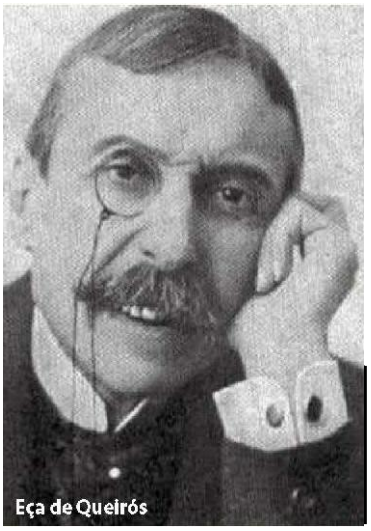


Ilustração de Bernardo Marques (ed. 1971) O Passeio Público



Eça de Queirós

A génese do texto d'*Os Maias* e o confronto do texto publicado com os testemunhos, escassos embora, permite propor uma leitura crítica dos processos estilísticos vistos na sua génese, na sucessão de versões e na composição destas

Data: 28.02.2018

Titulo: D'Os Mais-eternos...

Pub: JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 1;10;11

Área: 1242cm²/ 49%

Cores: 4 Cores FOTO

ID: 6029405

QuickCom comunicação integrada

PAULA MORÃO

1

1. UMA QUESTÃO PATRIMONIAL

É bem conhecida dos estudiosos de literatura uma questão que não parecerá clara para os leitores em geral: o que é e para que serve uma edição crítica? Pois bem, trata-se de fixar os textos com o respeito que quem os produziu deve merecer, eliminando erros e más leituras, tantas e tantas vezes repetidos, mesmo se tal rigor for contra aquilo que dedicados leitores fixaram (no caso das edições pessoanas, houve quem as recusasse por não querer aceitar leituras críticas que se limitavam a emendar versos errados). Uma edição crítica pode e deve ir contra hábitos instalados e erros reiterados em sucessivas publicações dos textos, e deve esperar que futuras edições tomem em conta o texto estabelecido e restituído à vontade do autor. Trata-se de uma empresa difícil, mas indispensável: difícil, porque exige dedicação, tempo, estudo e conhecimento aprofundado do autor que se estuda e do contexto histórico-literário em que este se inscreve; e difícil também, porque uma casa editora que se disponha a ter no seu plano de publicações projetos de edição crítica de obras fundamentais do património tem de compreender, aceitar e acompanhar a sua feitura por parte dos coordenadores e dos investigadores que, por força de circunstâncias da sua vida académica, nem sempre dispõem das condições materiais e de tempo que tarefas deste domínio exigem.

Neste quadro, julgo ser de destacar que, de acordo com o previsto nos seus estatutos, a Imprensa Nacional vem cumprindo um papel de destaque, já que tem no seu catálogo diversos projetos de edição crítica em curso: a das obras de Almeida Garrett (direção de Ofélia Paiva Monteiro), a de Fernando Pessoa (coordenada por Ivo Castro), a de Camilo Castelo Branco (também dirigida por Ivo Castro), e a de Eça de Queirós (de que é responsável Carlos Reis). Acrescente-se ainda a ainda jovem Biblioteca de Literatura Portuguesa, que tem como propósito dar a um público alargado (escolar e generalista) edições credíveis, tendo por base o texto crítico estabelecido por investigadores diversos, apresentado por ensaístas que garantem a qualidade destes volumes. Quer dizer: a Imprensa Nacional vem cumprindo um desígnio essencial do património imaterial português; é sua missão fazê-lo, claro, mas é justo assinalá-lo e reconhecê-lo.

Um segundo aspeto desta questão conduz-nos à edição crítica d'*Os Maias*, que aqui nos traz. Em 1999, Carlos Reis escrevia o que vou citar, em sintonia com o propósito das edições críticas em geral, e da edição das *Obras de Eça de Queirós* em particular: "Não é fácil levar a cabo em Portugal a edição crítica das obras de um escritor da dimensão de Eça, uma tarefa longa (...), e não o é porque nem sempre se compreende o alcance e a função de edições da natureza da que agora se publica." Eis-nos perante a dupla vertente que assinalei, sobressaindo aquilo que Carlos Reis aqui designa por incompreensão quanto ao "alcance" e à "função" das edições críticas em geral. E acrescenta, certeiramente notando a "natureza" do próprio trabalho dos investigadores da área: "Quem, contudo, olhar de perto e com atenção verificará que uma edição como esta exige muito mais do que paciência e perseverança – o que já não seria pouco; ela requer também capacidade de decisão crítica, certeira identificação com as propriedades expressivas do escritor editado e informação rigorosa e articulada, que é a que permite conhecer as mais remotas origens histórico-literárias de um texto."

Este passo de 1999 parece-me formular de modo claríssimo o que de essencial caracteriza o trabalho do editor crítico, herdeiro do labor filológico. Às qualidades pessoais – "paciência" e "perseverança", às quais eu acrescentaria a efetiva disponibilidade de tempo (coisa pouco evidente para os académicos), junta-se a preparação técnica necessária às "decisões críticas" advenientes do confronto de testemunhos que foi preciso identificar e recolher, e ainda o conhecimento aprofundado da obra do autor que se edita, essencial para a "certeira identificação" de traços de estilo, bem como da investigação de contexto histórico-literário.

Ora estes pressupostos, que Carlos Reis sintetizou a propósito d'*A Ilustre Casa de Ramires*, desenham um programa de trabalho para qualquer obra incluída num projeto de publicação de edições críticas – a das *Obras de Eça de Queirós*, nomeadamente (17 volumes até ao presente). A experiência deste professor nesta área não precisa de demonstração, mas vale a pena assinalar a prática reiterada da co-edição, no caso d'*Os Maias* de novo com Maria do Rosário Cunha.

2. A EDIÇÃO CRÍTICA D'OS MAIAS – EPISÓDIOS DA VIDA ROMÂNTICA

O volume dado à estampa com data de dezembro de 2017 é o 17º do plano das obras de Eça de Queirós, e o texto crítico está enquadrado por uma "Nota prefacial" curta, seguida de uma "Introdução" extensa (40 páginas), dando conta das vicissitudes da escrita, da publicação e da fortuna crítica coetânea da obra que, publicada em dois volumes em 1888, começa a ser esboçada primeiro e escrita depois cerca de dez anos antes. Ficamos assim a conhecer detalhadamente a história de uma das obras primas de Eça, do século XIX e de toda a literatura portuguesa: são descritos extensamente os procedimentos de escrita, a retícula de textos preparatórios e suas versões, as peripécias da passagem de manuscrito a uma atribulada e morosa composição tipográfica, as edições que hoje chamaríamos de pré-publicação, servindo de réclame, ou em folhetim. São descritos os testemunhos, escassos aliás, que documentam o trabalho de composição literária e o processo, comum em Eça, de

Data: 28.02.2018

Titulo: D'Os Mais-eternos...

Pub: JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 1;10;11

Área: 1242cm²/ 49%

Cores: 4 Cores FOTO

ID: 6029405

campanhas de emendas sobre provas tipográficas – tudo isso documentado em anexos que o leitor consulta com proveito.

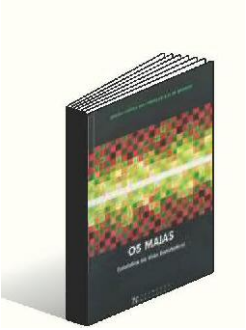
Conhecemos ainda, por cruzamento desses testemunhos e por circunstanciado da correspondência do escritor, muitos aspetos importantes de tipologia diversa não só do processo de trabalho, com versões, rasuras, emendas, acrescentos e revisões, numa "incessante procura do termo justo e da forma perfeita" (p. 24). Nas páginas 27 a 34, alguns exemplos tornam literalmente visível o laboratório de Eça, ilustrando os procedimentos tão minuciosos e tão exigentes do seu trabalho de um modo que o leitor tecnicamente preparado apreciará sobremaneira, mas que qualquer amante da obra de Eça acompanhará na perfeição. No processo de criação d'*Os Maias* podemos seguir o motivo do incesto, comum mas muito diferenciado na inacabada *Tragédia da Rua das Flores* e no romance de 1888, assim como a migração de personagens antes esboçadas ou a aproximação em termos de género entre estes dois livros e outros mais, num processo que mostra a oficina e o pensamento do autor, passando dos projetos mais ou menos elaborados à concretização em textos de grande fôlego, como *Os Maias* mostram no mais alto grau (pp. 34-39).

Em toda esta introdução os processos estudados permitem valorar o que chegou ao leitor em 1888. Mas, além disso, o que aqui se vê é a mão de quem trabalha tecnicamente com os textos para os interpretar mais fundamente; ficam demonstrados os pontos enumerados na já atrás citada introdução de *A Ilustre Casa de Ramires*, e muito especialmente a sensibilidade crítica que permite a "certeira identificação com as propriedades expressivas do escritor", bem como a "informação rigorosa e articulada", dando a "conhecer as mais remotas origens histórico-literárias de um texto." Estas operações, note-se, nem sempre estão presentes nas edições deste tipo: muitos investigadores seguem uma espécie de regra de abstenção quanto a apreciações sobre o estilo e outras qualidades literárias dos textos. No caso em apreço, não é que se faça ensaísmo literário, mas a competência dos estudos literários largamente experimentada permite o desenho de linhas de leitura, tornadas consistentes precisamente pelo grau de aprofundamento da construção narrativa.

A génese do texto d'*Os Maias* e o confronto do texto publicado com os testemunhos, escassos embora, permite propor uma leitura crítica dos processos estilísticos vistos na sua génese, na sucessão de versões e na composição destas. Os textos preparatórios e o trabalho de montagem, rasura, acrescento ou corte, tudo mostra e põe em relevo, nestas páginas de introdução, Eça a escrever, literalmente a compor; a propósito, veja-se com atenção o anexo da p. 708, magnífico exemplo de prova tipográfica com emendas autógrafas. As páginas sobre a publicação em 1888 (pp. 39-46), incluindo a análise de um lapso no episódio do Hotel Central, e as que estudam a primeira fortuna crítica d'*Os Maias* (pp. 46-56) completam esta utilíssima e rigorosa introdução.

Resta-nos ler o livro, munidos destas informações ou sem elas – mas, com elas, certamente com proveito e gozo acrescidos. Mário de Carvalho diz algures que lê *Os Maias* uma vez por ano; sigamos o exemplo de humildade deste grande: demos lugar ao património que a todos pertence, e de caminho encontraremos o esplendor do estilo sem par, a língua portuguesa que se nos dá em espectáculo de riso e de sombras, a inteligência dos "episódios da vida romântica", espelho de Portugal sem tempo porque fala de aqui, de agora e de cada um de nós. JL

"A competência dos estudos literários largamente experimentada permite o desenho de linhas de leitura, tornadas consistentes precisamente pelo grau de aprofundamento da construção narrativa



› *Eça de Queirós*

OS MAIAS – EPISÓDIOS DA VIDA ROMÂNTICA

Edição de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha, Imprensa Nacional, 720 pp., 40 euros